

Os desdobramentos de A Zona Crepuscular no jornalismo e na ficção

Alexandre Dias¹



STANCKI, Rodolfo. **A Zona Crepuscular**: Como a série Além da Imaginação pode ajudar a entender as imagens de ficção fantástica presentes no jornalismo. São José dos Pinhais, Paraná: Estronho, 2021.

Resumo: *A Zona Crepuscular: Como a série Além da Imaginação pode ajudar a entender as imagens de ficção fantástica*, de Rodolfo Stancki, aborda, por meio da produção audiovisual que dá nome à obra, como a ficção fantástica se mistura com o jornalismo. A pesquisa reflete sobre os contextos específicos de notícias falsas, nacionais e internacionais, que trouxeram aspectos do imaginário popular, além de explicar a própria relação da produção de informações equivocadas com o cenário político brasileiro atual.

Palavras-chave: Além da Imaginação, Cotidianidade, Ficção, Jornalismo.

The unfolding of A Zona Crepuscular in journalism and fiction

Abstract: *The Twilight Zone: How the Twilight Zone series can help to understand how fantastic fiction images*, by Rodolfo Stancki, approaches through the audiovisual production that gives its name to the work as fantastic fiction mixes with journalism. The research reflects the specific contexts of fake news, national and international, which brought aspects of the popular imagination, in addition to explaining the relationship between the production of false information and the current Brazilian political scenario.

Keywords: *Twilight Zone, Daily life, Fiction, Journalism.*

¹ Jornalista. Mestrando do PPGCOM da Universidade Anhembi Morumbi.

O jornalista e pesquisador Rodolfo Stancki já traz no título de *A Zona Crepuscular: Como a série Além da Imaginação pode ajudar a entender as imagens de ficção fantástica presentes no jornalismo* (2021) a amplitude dos temas que pretende tratar na obra. Primeiramente, pela própria tradução literal da série que dá base à sua teoria, *Além da Imaginação* (*Twilight Zone*, Rod Serling, 1959-1964), que foi um verdadeiro expoente do que poderíamos caracterizar como uma trama sobrenatural realista – ou, como o autor opta por denominar, “cotidiana”. Além disso, o nome nos remete a “um espaço do imaginário em que a fantasia e a vida diária interagem” (p.14, 2021).

Ou seja, estamos abordando uma área que abrange tanto projetos culturais, a exemplos de filmes e séries, como fatos concretos da vida das pessoas, explicitados por Rodolfo, por meio do jornalismo. Dessa forma, trata-se de uma pesquisa que faz o leitor mergulhar nas suas próprias noções de cotidianidade e sobre o que, supostamente, tende a se tornar um elemento fora do comum para a mesma.

Pode-se pensar que essa proposta abrangente se exceda conceitualmente, o que, por sua vez, deixaria a obra confusa e desfocada. Porém, Stancki recorre a alguns autores para estruturar o que ele entende por “zona crepuscular”. Posteriormente, ele traz a própria *Além da Imaginação* para completar a sua teoria sobre o termo e, por fim, o exemplifica com dois casos nacionais e emblemáticos: o do bebê-diabo, que veio à tona no jornal *Notícias Populares*, na década de 1970, e do chupa-cabra, “personagem” que ganhou vida pelo *Tribuna do Paraná*, na década de 1990.

O primeiro autor utilizado para desenvolver os moldes dessa proposta é o historiador Michel de Certeau. De acordo com Stancki, ele “pensa a vida cotidiana como um jogo de trocas e significações - ativo e oriundo das estratégias e táticas dos indivíduos da sociedade” (p.25, 2021). As definições do cotidiano, trabalhadas a partir do pensamento do francês, também são exemplificadas logo no início do capítulo 2 com a lembrança autoexplicativa de uma reportagem feita pela *British Broadcasting Corporation (BBC)*, em 1957, para comemorar o Dia da Mentira, sobre mulheres que estariam colhendo macarrão em árvores na Suíça².

A “brincadeira” faz parte desse jogo de Certeau e, por se tratar de uma notícia falsa, causou repercussão entre os espectadores da *BBC*. Rodolfo ainda traz um outro caso no capítulo 2 que reforça essa associação e é mais próximo dos brasileiros, prosseguindo na explicação da relação do jornalismo com esse cenário, que junta o cotidiano e o imaginário. A publicação é sobre o cantor Caetano Veloso estacionando o carro no Leblon, e foi feita pelo portal Terra, em 2011³. Segundo

² BBC: Spaghetti-Harvest in Ticino. In: MySwitzerland. Youtube. Publicado em 27 de março de 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tVo_wkxHgdU. Acesso em 17 de outubro de 2021.

³ Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/gente/caetano-estaciona-carro-no-leblon-nesta-quinta-feira,41d3399ae915a310VgnCLD20000obbceboaRCRD>. Acesso em 17 de outubro de 2021.

Stancki, essa não é uma notícia que possui de fato um interesse público, mas acaba por formar a teia de cotidianidade essencial da atividade jornalística (p.37, 2021).

O capítulo 3 também começa com a estratégia de associar o pensamento de um teórico com um caso emblemático. O filósofo em questão é Jesus Martín-Barbero com o conceito de mediação, que acontece “como um processo de produção de sentido que ocorre entre o público e os meios de comunicação” (p.43, 2021). Já o conteúdo produzido se refere à famosa adaptação de Orson Welles no programa de rádio *The Mercury Theatre*, em 1938, de *A Guerra dos Mundos* (Reino Unido, 1897), de H.G. Wells. Na ocasião, uma atribuição de “veracidade a um relato ficcional” (p.43, 2021) - o de ouvintes pensarem que uma invasão alienígena realmente estaria em vigor - serve como comprovação para o sentido atribuído entre a emissão e a recepção.

A partir do filósofo, Stancki cria um padrão entre as produções de veículos jornalísticos que se enquadram na zona crepuscular - como a narração de Welles -, mas sempre levando em consideração a singularidade de cada uma. Portanto, são temas em que o cotidiano flerta com o fantástico, porém dentro de contextos específicos. Na adaptação de Wells, por exemplo, era a popularização do rádio entre pessoas com menos recursos financeiros, que, segundo Eric Hobsbawm, se deve, em parte, pela Grande Depressão (*apud* Stancki, p.42, 2021).

Barbero (2002) se atenta para esse quesito econômico no conceito de mediação, porém - como o próprio caso de *A Guerra dos Mundos* já prova com a mistura do jornalismo com a ficção científica - ele coloca o gênero como um elemento importante nesse processo de emissão e recepção. De acordo com o filósofo,

o gênero é uma estratégia de comunicação, ligada profundamente aos vários universos culturais. Chegam a ser verdadeiros idiomas que, se não pertencem à sua cultura, ficam de fora. O gênero não é só uma estratégia de produção, de escrita, é tanto ou mais uma estratégia de leitura. Enquanto as pessoas não encontram a chave no gênero, não entendem o que está se passando na história (MARTÍN-BARBERO *apud* Stancki, p.51, 2021).

Antes de adentrar de fato à zona crepuscular de *Além da Imaginação*, Stancki ainda traz no capítulo 4 mais um autor para se juntar a Barbero na sua metodologia da zona crepuscular, o historiador italiano, Carlo Ginzburg. Para complementar a ideia da mediação, esse último elabora um método de investigação denominado “indiciário” que, segundo Rodolfo, “permite que um cotidiano seja alcançado por meio de pormenores de um documento” (p.70. 2021).

Ginzburg o aplicou em muitos cartazes e quadros (p.71, 2021) com um estudo minucioso, pois “a escala micro de análise dos detalhes possibilita um diálogo mais amplo com uma cotidianidade contextual macro, que é dinâmica e plural” (*ibid*). Ou seja, a mescla desse processo

investigativo detalhista com as especificidades dos emissores e receptores durante a mediação conduzem a teoria de Stancki sobre como a zona crepuscular opera.

O autor discorre dessa metodologia no capítulo 5, já na abertura, com um exemplo de episódio de *Além da Imaginação*. Com o título *Pesadelo nas Alturas*, a trama mostra Bob Wilson (William Shatner), o único passageiro de um avião que enxerga uma criatura na asa do veículo. Personagens como esse, que guiam a série, poderiam fazer parte da nossa sociedade e estão inseridos em um contexto de fantasia (p.77, 2021).

É importante ressaltar que Wilson questiona a sua sanidade na história (p.96, 2021). Dessa forma, ele cria empatia no espectador não só para a sua situação, mas também como uma metáfora de nós mesmos perante a zona crepuscular. No caso da narração de Welles, por exemplo, isso poderia ser representando com o ouvinte da rádio encarando a “notícia” de uma invasão alienígena. E, obviamente, ainda há a agravante de *Além da Imaginação* estar imersa em um universo fantástico, com influências do terror e da ficção científica, o que também a faz funcionar como um reflexo dos conteúdos jornalísticos “sobrenaturais”.

Não à toa, Stancki encerra o capítulo 5 trazendo o pensamento do filósofo búlgaro Tzvetan Todorov sobre a narrativa fantástica; para ele, trata-se da estrutura formal de um texto e, conseqüentemente, de um gênero literário (*ibid*). Essa base na literatura se desenvolve para o imaginário do leitor, que, por sua vez, pode culminar na recepção de uma determinada notícia integrada à zona crepuscular, como os dois casos principais, do bebê-diabo e do chupa-cabra, analisados no capítulo 6.

Ambos nasceram de jornais sensacionalistas, o *Notícias Populares* e a *Tribuna do Paraná*, nos quais o autor faz um breve histórico sobre as suas escolhas editoriais e, um pouco antes, reflete sobre o formato desse tipo de notícia. Em citação do pesquisador Danilo Angrimani, é frisado que existe um “diálogo entre a produção noticiosa de cunho sensacional e a ficção” (p.111, 2021). Além disso, esse tipo de conteúdo vai diretamente de encontro a outros teóricos que o autor utilizou para compor a sua zona crepuscular:

Para Martín-Barbero (2006), essa perspectiva negativa sobre as produções jornalísticas de cunho sensacional corresponde também à dualidade entre as ideias de cultura popular e cultura de massa. O autor acredita que existe, sim, uma ‘massificação estrutural em nossa sociedade’ (p.311), mas ela não é isolável das produções culturais oriundas das relações sociais. Ou seja, o que é massivo e industrial se insere na cultura popular (MARTÍN-BARBERO *apud* STANCKI, p.112, 2021).

No caso do bebê-diabo, que envolveria a suposta descoberta de uma criança que nasceu com deformações, esse apontamento da cultura popular de Barbero vem na edição do *Notícias Populares* do dia 11 de maio de 1975, que mostra um grupo de homens em volta de um berço preto

(p.116, 2021). É uma referência quase direta ao filme *O Bebê de Rosemary* (*Rosemary's Baby*, Roman Polanski, 1968), em que a conclusão sugere, sem mostrar por completo o nascimento do filho do demônio, para esse grupo observador (p.121, 2021).

O longa-metragem é apenas um exemplo do espaço imaginário desenvolvido por Stancki, que mistura a fantasia com o cotidiano. Já com relação ao chupa-cabra, o filme que pode representar essa teia de ligações entre a ficção popular e a vida real das pessoas é *A Experiência* (*Species*, Roger Donaldson, 1995). De acordo com o pesquisador Benjamin Radford, uma testemunha que descreveu a criatura - o que nem sequer ainda havia sido na época da repercussão no *Tribuna do Paraná* - o teria feito com base no seu referencial dessa produção audiovisual (p.129, 2021).

Ambos os filmes são apenas fagulhas de como a zona crepuscular do autor vai além de simples notícias e contribui para a análise de determinados contextos sociais. Segundo Stancki, “nossa mediação com a mensagem enviada pelo emissor também é afetada por questões sociais, políticas e culturais” (p.139, 2021). Por isso, o autor utiliza as considerações finais da obra para mostrar como casos irreais, como o do bebê-diabo e do chupa-cabra, se desdobram na política, meio em que passaram a ser denominados como as conhecidas *fake news*.

Mais do que adentrar propriamente à formação de notícias falsas no meio político, Stancki utiliza a corrida eleitoral de 2018, que culminou na eleição de Jair Bolsonaro à presidência da República, e foi marcado pela repercussão de informações inverídicas, para explicar as transformações ocorridas no jornalismo nos últimos anos - e, conseqüentemente, na estrutura dessa zona crepuscular.

De acordo com o autor, as redes sociais tornaram os receptores mais participativos na emissão das mensagens (p.143, 2021). Essa dinâmica permanece até os dias atuais, com o próprio presidente, por exemplo. O chefe do Executivo, eleito em 2018, criou a rotina - cotidiana - de fazer uma *live* às quintas-feiras e, na exibição do dia 21 de outubro, com boa parte da população brasileira vacinada contra a Covid-19, disse que pessoas que tomaram as duas doses do imunizante no Reino Unido estariam desenvolvendo AIDS. A fala foi rapidamente desmentida por especialistas do mundo inteiro⁴.

A *Zona Crepuscular* é, portanto, um instrumento eficaz para ajudar no entendimento de fenômenos como afirmação em questão de Bolsonaro, a materialização das notícias nos meios de comunicação e entre as pessoas e a atração das mesmas pelo fantástico, que é muito mais complexa, como já explicaria Barbero, do que um simples ponto em comum de interesse cultural.

⁴ Disponível em: <https://exame.com/ciencia/cientistas-reagem-a-declaracao-de-bolsonaro-sobre-vacinas-e-aids/>. Acesso em 24 de outubro de 2021.

Referências bibliográficas

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

_____. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. *In*: SOUSA, Mauro Wilson (Org). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Braziliense, 2002.

STANCKI, Rodolfo. **A Zona Crepuscular**: Como a série Além da Imaginação pode ajudar a entender as imagens de ficção fantástica presentes no jornalismo. São José dos Pinhais: Estronho, 2021.

submetido em: 23 nov. 2021 | aprovado em: 14 dez. 2021